



Na sombra do canavial há resistência: a experiência em agroecologia do assentamento Nova Canaã na Zona da Mata pernambucana

In the shade of the cane tree there is resistance: an agroecology experiment from the New Canaan settlement in the Zona da Mata of Pernambuco

MELO, Emely Christine Sulino de ¹; PEREIRA, Mônica Cox de Britto²

¹ Mestranda em Geografia – PPGEIO/UFPE, emelychristinegeo@gmail.com; ² Professora do Dpto de Ciências Geográficas UFPE

Eixo temático: Construção do Conhecimento Agroecológico e Dinâmicas Comunitárias

Resumo: A agricultura convencional perpetua um padrão agrícola baseado no lucro e na exploração. Pensar em uma agricultura alternativa que além de promover uma relação de respeito a natureza, valorize os diversos saberes e experiências nos territórios é um ato de resistência. Nesse sentido a agroecologia surge como uma forma de quebrar paradigmas e problematizar esse sistema agrário homogêneo vigente. Dessa forma o presente trabalho busca evidenciar a experiência em agroecologia no Assentamento Nova Canaã em Pernambuco na busca por identificar quais são essas práticas e compreender como se deu esse processo. Para a realização da pesquisa foram feitas algumas idas à campo, valorizando as falas dos diversos assentados e assentadas envolvidas na experiência.

Palavras-chave: Produção, Campesinato, Assentamentos rurais.

Keywords: Production, Peasantry, Rural settlements.

Introdução

A formação do território pernambucano deu-se a partir de uma exploração agrária intensamente ligada ao monocultivo de cana-de-açúcar. Nesse contexto a zona da mata do estado foi ligeiramente tomada pela cana devido a diversos fatores favoráveis como seu solo, sua posição geográfica e mão de obra fácil e barata. Até hoje não é diferente, a zona que deveria ser de mata se transformou em um mar de cana, gerando diversos problemas como degradação ambiental, desempregos, explorações e principalmente conflitos.

Apesar de todas as mazelas proporcionadas pelo sistema agrário desenvolvimentista explorador, diversas famílias resistem à esse modelo, como é o caso dos assentados e assentadas do Nova Canaã. A agroecologia surge no território como forma de contrapor e enfrentar esse monocultivo de cana presente na região, valorizando as outras agriculturas que são invisibilizadas pelo agronegócio, bem como para produzir uma alimentação saudável, livre de veneno. Nesse contexto a concepção de agroecologia utilizada nesse trabalho é a de ciência, movimento e prática, como meio de valorizar o conhecimento tradicional presentes no campesinato.



O assentamento Nova Canaã está localizado no município de Tracunhaém, Zona da mata norte de Pernambuco. O assentamento é fruto de uma luta que se inicia em 1997 com famílias expulsas do campo se re-voltaram e unidas a Comissão Pastoral da Terra, se fortaleceram com expectativa de retorno às terras perdidas; no mesmo ano ocuparam o Engenho Prado e iniciaram o processo de luta e resistência. Em 2003 conquistaram o antigo Engenho Penedinho se tornando o assentamento na qual será o recorte espacial da pesquisa. Muitas famílias chegaram logo após, em 2005. Hoje totalizam cerca de 55 moradores/moradoras, na qual cerca de 39 tem a posse.

Metodologia

O trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado e foi feita a partir de idas a campos que moldaram todo corpo da pesquisa. Esta que foi construída através de conversas informais e entrevistas abertas seguidas que por um roteiro semiestruturado. A análise dos dados foi feita de forma qualitativa considerando e dando protagonismo as falas dos diversos sujeitos envolvidos. Foi realizada também uma pesquisa documental como forma de apoio para discutir e analisar os dados obtidos em campo.

Resultados e discussão

São vários os conceitos adotados pela agroecologia. Na concepção assumida por Wezel (2009) a agroecologia é uma ciência, um movimento e prática que busca promover mudanças na produção agrícola a partir de uma abordagem interdisciplinar. Já para Hecht (1993) a agroecologia como disciplina científica específica, integra várias ideias de diversos campos de investigação como as ciências agrônômicas, biológicas, ecológicas e ciências humanas. No que se refere ao movimento, Altieri (2002) sinaliza que a agroecologia permite uma crítica ao capitalismo e à agricultura industrial, na busca por mudanças econômicas e estruturais na sociedade. Já na prática, a agroecologia ocorre por meio da expressão de práticas em torno da experimentação e da proposição de alternativas concretas por parte dos agricultores e agricultoras (Caporal; Costabeber, 2000)

Dentro da experiência apresentada neste trabalho é preciso evidenciar que nem todos produzem de forma agroecológica, alguns continuam no sistema de produção de cana. Porém, diante o desafio de estar em um território que é contornado pelo monocultivo alguns assentados e assentadas do Nova Canaã nos permite visualizar a possibilidade de produzir agroecologicamente. O lugar de produção é feito nas agrovilas, nesse sentido as plantações são feitas no mesmo espaço. A principal função do plantio é a alimentação familiar, se houver excedente comercializam nas feiras de Araçoiaba, Carpina e Tracunhaém. Atualmente também participam do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), oferecendo parte de sua produção à alimentação escolar e ações de educação alimentar e nutricional a estudantes de todas as etapas da educação básica pública.



Nesse sentido é perceptível no território o quanto há uma soberania alimentar muito presente, na qual Altieri (2010) define como um processo que enfoca na autonomia local, nos mercados locais, nos ciclos locais de produção-consumo, na soberania energética e tecnológica. Esse conceito de soberania alimentar foi apresentado pela Via Campesina como forma de garantir os direitos dos povos de ter alimentos de qualidade, acessível de forma sustentável, assim garantindo uma alimentação nutritiva e de fácil acesso. Esse processo ainda está em construção, visto que, a soberania alimentar é totalmente dependente do acesso a terra, sementes, água, autonomia, mercados e diversos outros elementos que a influenciam.

Outro ponto bastante presente no território é a diversidade de alimentos. Na parcela de Seu Florencio foi possível mapear cerca de 35 variedades entre frutíferas, hortaliças e ervas medicinais somente no quintal ao redor da cisterna calçadão na agrovila. Ele nos conta que mesmo de frente à tanta diversidade o desafio para produção é grande, visto que, há ainda vários problemas como: dificuldade para conseguir sementes crioulas, mesmo tendo cisterna a água é um problema na região, a convivência com pessoas que plantam cana dentre outros. Atualmente, sete famílias são apoiadas por um projeto da CPT em agroecologia no objetivo de fortalecer essas experiências consolidadas em agroecologia e impulsionar a transição agroecológica para quem ainda vive da cana. Assim, Pereira (2007) fala que o consórcio de espécies, a diversidade, a polinização e fertilização do ambiente regenera a dinâmica ecológica, gerando a recuperação do solo, da fauna, vegetação e diversos outros elementos e funções que estão inteiramente ligados.

Dessa forma a diversidade vai além da produção. A agroecologia permite a valorização dos diversos saberes que estão nos territórios, muitas vezes até anterior ao conhecimento técnico agrário que delimita a existência de somente um saber, o científico. Shiva (2003) traz em sua obra Monoculturas da mente que o saber ocidental invisibiliza e apresenta o monocultivo como a única forma válida de produção, negando a existência de toda a história de luta na busca por conhecimentos advindos das comunidades tradicionais.

Conclusões

O estudo evidenciou que diante o desafio que é viver na cana, plantar agroecologicamente é possível. Assim, o assentamento Nova Canaã é composto por agricultores e agricultoras que buscam nos princípios norteadores da agroecologia uma alternativa a esse modelo de diversas contradições e exploração da natureza. A luta no território ainda é constante nas diversas esferas, porém a transmissão de valores éticos e morais adquiridos durante o processo de conquista da terra junto com o apoio da CPT, fortalece o debate da agroecologia dentro do assentamento e impulsionam essa resistência e protagonismo da comunidade. Ainda assim, são muitos os desafios à serem enfrentados, visto que a conquista da terra foi o passo inicial.



Observamos também que a partir do momento que a agroecologia é inserida no território há melhorias na qualidade e condições de vida dessas famílias, seja pela autonomia de plantar o que come, de usar suas próprias sementes, aumento da renda através da comercialização nas feiras, diminuição da compra de alimentos em mercados, visto que boa parte do que é consumido vem da roça dentre outros. Nesse sentido LUZZI (2007) fala que essa transformação no modo de produção é também uma transformação política, assim é de bastante relevância evidenciar essas experiências.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. "Agroecology: the science of natural resource management for poor farmers in marginal environments". Agriculture, Ecosystems & Environment, v.1971, p.1-24, 2002b.

ALTIERI, Miguel A. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. REVISTA NERA, ano 13, JANEIRO/JUNHO DE 2010, p. 22-32,

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. In. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre, v. 1, n. 1, jan/mar de 2000.

HECHT, S. "A Evolução Do Pensamento Agroecológico", em Revista Agroecologia e Desenvolvimento CLADES (Rio de Janeiro) Ano I, Nº 1, Ago, 1993.

LUZZI, N. O debate agroecológico no Brasil: uma construção a partir de diferentes atores sociais, Rio de Janeiro, UFRJ, 2007.

PEREIRA, Mônica Cox de Britto. A experiência da perspectiva da Agroecologia na formação universitária. Revista Brasileira de Agroecologia, v.2, n.1, fev. 2007, pp. 1758-1760.

SHIVA, V. Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2005.

WEZEL, A. et al. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. Agronomy for Sustainable Development. v.29. n. 4. Germany: Springer Verlag, 2009